

Instituto de Literatura Comparada
Margarida Losa

CADERNOS DE LITERATURA COMPARADA 22/23



TRANSBORDAMENTOS INFINITOS:
A DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA

TÍTULO

Cadernos de Literatura Comparada - 22/23
Transbordamentos Infinitos: A Dramaturgia
Contemporânea
Junho/Dezembro 2010

PUBLICAÇÃO

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa
da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

CONSELHO EDITORIAL

Anna Klobucka
Biagio D'Angelo
Catherine Dumas
Gonçalo Vilas-Boas
Jean-Pierre Sarrazac
Paulo de Medeiros

ORGANIZADORES DO presente número

Alexandra Moreira da Silva
Paulo Eduardo Carvalho

ASSISTENTE EDITORIAL

Lurdes Gonçalves

DESIGN GRÁFICO

Nunes e Pá Lda.
administracao@ateliernunesepa.pt

FOTOGRAFIA DA CAPA

Nunes e Pá Lda. | Fuselog

EDITOR

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

DISTRIBUIÇÃO

Edições Afrontamento, Lda.
Rua Costa Cabral, 859 - 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt
editorial@edicoesafrontamento.pt

DEPÓSITO LEGAL n.º 205806/04

ISSN: 1645-1112

IMPRESSÃO

Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

ENTRE O SOFÁ e O LEITO

DE MORTE

(recensão a *DOIS DIÁLOGOS ENTRE UM PADRE e UM MORIBUNDO*, DE MARQUÊS DE SADE / NUNO JÚDICE, COIMBRA: ANGELUS NOVUS, 2010)*

Pedro Eiras
Universidade do Porto

O volume *Dois Diálogos entre um Padre e um Moribundo*, que reúne *Diálogo entre um Padre e um Moribundo*, do Marquês de Sade (em tradução de Bénédicte Houart), e o inédito *A Herança*, de Nuno Júdice, inicia a colecção de livros de bolso *Experimente no Sofá*, da editora Angelus Novus. >>

Importa evocar já os três números seguintes da mesma colecção, anunciados no fim do volume: *Quinze Dias no Deserto Americano*, por Alexis de Tocqueville; *A Prisão de Gungunhana*, por Mouzinho de Albuquerque; e *Os Primeiros Relatos de Fátima (I)*. Trata-se de um processo arqueológico (desenterramento de textos esquecidos e, num sentido nietzschiano, interrogação da origem de mitos e conceitos, que imediatamente se historicizam, isto é: secularizam, relativizam). E não sem ironia, também dupla: porque estes textos propõem alternativas revolucionárias, num futuro por realizar (ver Sade), ou defendem narrativas reaccionárias, num passado ainda muito insuficientemente questionado (ver Albuquerque). Trata-se, em suma, de tornar o "sofá" inconfortável. E produtivo.

A colecção começa com um "clássico do militantismo ateu" (colho a expressão na contracapa do livro): o breve *Diálogo entre um Padre e um Moribundo*, que Donatien Alphonse François, Marquês de Sade, terá escrito em 1782, preso na Bastilha. Antes, portanto, dos mais perturbadores e radicais *Les Cent Vingt Journées de Sodome*, *La Philosophie dans le Boudoir*, ou das várias versões de *Justine* e *Juliette*. Em Portugal, o *Diálogo* só

seria publicado em 1958, por Luiz Pacheco, numa colecção de teatro, que espantosamente conseguiu escapar à perseguição da censura (para mais pormenores, veja-se o estudo "Portugal em Sade, Sade em Portugal (história, histórias...)" de António Carmo Luís, publicado no fim do livro de Jean Paulhan *O Marquês de Sade e a sua Cúmplice* (Lisboa: Hiena, 1992)). Esgotado há muito o volume *A Verdade e outros textos*, que incluía uma nova tradução do *Diálogo* por Manuel João Gomes (Lisboa, Antígona, 1989), o texto de Sade finalmente volta a tornar-se disponível.

A estrutura deste diálogo é muito simples: um padre pretende acompanhar os últimos momentos de um moribundo; contudo, o moribundo recusa os conselhos moralizadores, defende o ateísmo e acaba por corromper – ou libertar? – o "padre obtuso e dogmático" (de novo, uma expressão da contracapa). De facto, importa lembrar que este padre é um opositor fraquíssimo; donde o humor do texto, mas também o seu esquematismo. O leitor não pode deixar de imaginar que luta de argumentos muito mais densa haveria entre o moribundo e, *verbi gratia*, um Kierkegaard, ou um Chesterton.

Por outro lado, o moribundo é uma figura sadiana nada sádica. Das suas próprias "máximas" afirma que são "extremamente brandas e tolerantes" (19); quando o padre lhe pergunta: "Portanto o mais horrendo dos crimes não deve inspirar-nos temor?", responde: "Não é o que digo: basta que a lei o condene, e que a espada da justiça o castigue, para que deva inspirar-nos terror e fazer-nos evitá-lo" (21); mais adiante, afirma: "De modo algum pretendo encorajar o crime! É sem dúvida necessário evitá-lo o mais possível (...) só a razão pode ensinar-nos que prejudicar os nossos semelhantes nunca poderá tornar-nos felizes" (22); e, por fim, oferece ao padre o seu próprio mandamento: "não renunciés ao prazer de ser feliz e de dar prazer e felicidade neste mundo" (23). Um Sade irreconhecível, portanto, se pensarmos a obscena defesa da crueldade e do egoísmo radical, nos anos por vir.

O livro prossegue com *A Herança*, de Nuno Júdice. Se o texto sadiano é um diálogo, a fechar com uma única nota (ou didascália?) que atesta a cedência do padre à sensualidade de "seis mulheres lindas de morrer" (23), o texto de Júdice é uma narrativa heterodiegética. Trama: um padre vai prestar apoio espiritual a um moribundo; o narrador dá-nos a conhecer as dúvidas deste padre, que não pararão de aumentar; segue-se o debate filosófico com o moribundo ateu, em argumentos aproximáveis dos de Sade; finalmente, o moribundo explica que ele próprio, em tempos, assistiu um "velho que agonizava" (30) e que, ao ouvir os argumentos deste último, perdeu a fé, mas encontrou o seu próprio rosto verdadeiro; terminada esta confissão, vemos o padre perder, também ele, a sua própria fé, perante um espelho.

A narrativa de Júdice nunca reivindica uma relação explícita com o texto de Sade (pode ser uma glosa – ou resposta – directa; mas também um texto autónomo, que o gesto editorial aproxima de um antecessor dialogante). Contudo, penso que *A Herança* só pode ser lida como *Aufhebung* do ateísmo das Luzes. Note-se, a este propósito, a importância de um elemento ausente em Sade: o rosto. Releia-se Júdice: o moribundo pede que levantem um pouco a cama para "colocar o seu rosto ao nível do rosto do padre" (25); descreve nestes termos a perda da fé: "enquanto ouvia o discurso do moribundo, uma a uma, perdi todas as minhas convicções. Mas (...) Quando me olhei ao espelho, descobri que tinha um rosto. Até então, o que eu via era o rosto do Criador; era a figura solar de uma divindade que usurpava o meu ser. Transformei-me em mim próprio; e comecei a viver" (30); finalmente, o texto termina com estas palavras: "quando o padre [olhou o interlocutor, que acaba de morrer], bem de frente, viu que o rosto dele era igual ao seu, como se fosse um duplo de si aquele a quem fechava os olhos" (31).

A insistência no *topos* do rosto implica uma recusa da insistência de Sade no *topos* do (restante) corpo e, posteriormente, do sexo. Se os argumentos do moribundo em Júdice

coincidem com os do tardo-Iluminismo sadiano, o corpo que os recebe já não é uma máquina (cf., a este propósito, *L'Homme-Machine* (1748), do Barão de D'Holbach, que inspirou Sade), mas um rosto. Donde uma reescrita do ateísmo que deve assimilar também – e conciliar as diferenças entre – Sartre e Lévinas. Por outro lado, este rosto não confirma uma identidade do sujeito perante si próprio, antes abre para um processo de identificação radical com o outro; donde a frase final do texto, em que o padre reconhece que o rosto do morto é igual ao seu, “como se fosse um duplo de si”. Agora, é de Hermann Hesse que me lembro, com a dissolução mística do binómio sujeito-objecto; ou de Borges, num conto sobre dois teólogos inimigos que, no céu, descobrem que são a mesma pessoa. Isto é, a emergência do rosto permite conciliar o inconciliável, duzentos anos depois de Sade: a revelação e o século.

Por fim, interessa-me pensar o título do texto de Nuno Júdice: o que é a *herança*? Naturalmente, a transmissão, *in articulo mortis*, do ateísmo. Mas, num livro que se intitula *Dois Diálogos entre um Padre e um Moribundo*, a herança é também de Sade em Júdice, ou dos séculos XVIII-XIX nos XX-XXI. Dito de outro modo, o que se herda é texto: lido-reescrito. E se o *Diálogo* de Sade é sobre o ateísmo, a *Herança* de Júdice é sobre a partilha do ateísmo como texto: literatura comparada. <<

NOTA

*Esta recensão foi elaborada no âmbito do Projecto “Interidentidades” do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, integrada no Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).